INEPAC instituto estadual do patrimônio cultural
Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ
Parceria: Light, CIDADE VIVA INSTITUTO

denominação
Fazenda Belém

códice
AV – FO2 - SJVRP

localização
Estrada do Belém, s/nº – Bairro do Belém

município
São José do Vale do Rio Preto

época de construção
1850

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residência / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular

fonte: IBGE - Anta

Fazenda Belém, acesso principal

coordenador / data **Francyla Bousquet – jan 2009**
equipe **Maciel Zanette e Priscila Oliveira (levantamento de campo e AutoCad)**
histórico **Francyla Bousquet – dados obtidos com a Sra. Anna Werneck Ruótolo, proprietária da Fazenda Belém e com a historiadora Jany Limonge.**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Chega-se à Fazenda Belém (f01) através de uma estrada que se inicia quase em frente ao portão de acesso à Fazenda Castelo (ver ficha AV-F03-SJVRP). Tal estrada, que interliga o bairro do Belém à localidade de São João do Paquetá e foi aberta por volta de 1877, de acordo com informação do Decreto 2230 (nº 18), de 05/02/1877, da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro:

> *"O Presidente da Província deduzira da verba de despeza com obras públicas da lei de orçamento do exercício de 1877 e seguintes a quantia necessária para construção de uma estrada de rodagem desde a estação de Anta na estrada de ferro D. Pedro II até a Fazenda de Belém, de João de Souza Werneck, município de Sapucaia."*[1]

Alinhado a essa estrada corre, em direção à Fazenda Castelo, o rio Calçado, que ainda abastece a estância de energia (f02) através de queda d'água localizada a aproximadamente 10 m da saída da fazenda.
A pintura a óleo do alemão Johann Georg Grimm (f03), datada de 1886[2], é um importante registro de época, que permite observar a mudança ocorrida na paisagem circundante – natural e edificada – até os dias atuais. No entanto, comparando as construções retratadas na pintura com o levantamento realizado pela FUNDREM em 1982 (situação esquemática) e a implantação atual, verifica-se que poucas são as interferências havidas no sítio original e em suas estruturas históricas.
De fato, a impressão que se tem ao percorrer a fazenda é de que por lá o tempo não passou. Na pintura ainda é possível identificar pequenas casinhas morro acima – hoje não mais existentes –, além do edifício da antiga tulha, logo à entrada, com telhado de duas águas, que permance inalterado, embora bastante avariado (f04).

01

02

Fazenda do Belém, óleo s/tela, Johann Grimm, 1886. 03

04

[1] Arquivo Público do Rio de Janeiro, Fundo Presidência de Província, Notação 113.
[2] Gravura retirada do livro *O Grupo Grimm: paisagismo brasileiro no século XIX*, de Carlos Roberto Maciel Levy, Editora Pinakotheke, 1980, p.73, Coleção Sebastião Loures.

A sede da fazenda está situada num pequeno platô elevado, de onde se tem uma vista privilegiada do entorno (f05), principalmente do morro em frente e à esquerda desse edifício, onde se localizava a plantação de café, caracterizando um posicionamento estratégico para observação e controle da produção. Ao redor desse núcleo, existem outros montes de maior porte, alguns deles com vegetação bastante densa, resultado do processo de regeneração natural de suas matas.
A presença do quadrilátero funcional está bem evidente, faltante apenas o volume da antiga senzala, demolido pelo estado de ruína em que se apresentava e hoje parcialmente substituído pela construção que abriga o curral (f06). Parte desse polígono era aberto, apenas guarnecido por guarda-corpo – o original provavelmente era em madeira, tendo em vista as marcas de encaixe no seu embasamento de pedra (f07) –, o que proporcionava melhor visão do entorno, onde se localizavam os antigos terreiros de café (hoje inexistentes) e o engenho.
O ingresso no interior do quadrilátero dá-se por debaixo da construção que abriga a capela (f08), em arruamento pavimentado com lajes de pedra assentadas sobre o gramado (f09).

05

06

07

08

09

Uma vez percorrido esse caminho, alcança-se uma escadaria de pedras e avista-se, logo à direita, uma alameda de palmeiras imperiais, hoje parcialmente substituída por outras espécies (f10). A proprietária informa que os visitantes que chegavam à cavalo apeavam ao final da escada, e percorriam esta alameda a pé. O piso, hoje encoberto pela grama, ainda apresenta trechos de calçamento em pedra tipo pé-de-moleque[3] (f11).
O restante do terreno divide-se entre áreas recobertas por grama, caminhos em terra batida e lajeados de pedra, eventualmente contornados por grandes canaletas, também forradas com pedras (f12), para escoamento das águas pluviais.

10

11

12

13

[3] Calçamento pé-de-moleque – pavimento feito com pedras irregulares. Foi muito usado nas ruas estreitas das cidades brasileiras no período colonial. Sua técnica de execução é bastante rudimentar. As pedras são assentadas uma por uma com martelo sobre o leito de terra regularizada. Em seguida, espalha-se mais terra e, com um soquete manual, procede-se a compactação – ALBERNAZ, Maria Paula, LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário Ilustrado De Arquitetura – Volume Ii.* São Paulo, 1997-1998. Pro Editores, 316p. Il.

De todo o conjunto que compõe hoje o complexo da Fazenda Belém apenas o volume destinado ao curral é de construção recente. Os demais edifícios datam do tempo em que o local destinava-se à produção cafeeira.
A mais imponente edificação é, naturalmente, a casa-sede (f13), que apresenta inspiração neoclássica[1] observada, entre outros aspectos, pela utilização de pilastras encimadas por capitéis jônicos, as quais ocultam a estrutura em esteios[2] da residência. O arremate superior das empenas recebe um conjunto de frisos e sancas em madeira, sobre os quais foram argamassadas as telhas do beiral (f14).
O porão alto apresenta estrutura em pilares de pedra e barroteamento de suporte do piso do pavimento superior exposto (f15), exibindo óculos circulares para ventilação, com cercaduras em pedra aparelhada (f16), mesmo tratamento aplicado a seu único vão de acesso, feito através de porta em verga reta, voltada à fachada lateral direita. A cobertura em telhas coloniais antigas apresenta peças de quina, que encimam cunhais de mesmo estilo que o das demais pilastras existentes.
As esquadrias possuem fechamento duplo, internamente, folhas cegas almofadas; externamente, guilhotinas em caixilharia[3], com detalhe em vidro amarelo na folha superior. O padrão amadeirado das folhas cegas é na verdade uma pintura imitativa de madeira, extremamente bem feita (f17).

14

15

16

17

[1] Estilo arquitetônico inspirado na arquitetura grecorromana, predominante na Europa da segunda metade do século XVIII à primeira metade do século XIX. (...) Expressa-se pelo tratamento linear e em superfície da construção, cuidadosa simetria, uso de cantaria e de pilastras, destaques nas escadarias e ornamentação restrita aos frontões, quase sempre triangulares. Idem.
[2] Peça alongada, disposta na vertical, utilizada como elemento estrutural na sustentação de paredes, tetos, pisos e telhados. Em geral o termo refere-se à peça de madeira. Pode ficar aparente na construção ou ser revestido. Pode ser feito com peça roliça, quadrangular, retangular ou chanfrada. Em antigas construções, usualmente tinha espessura de 15 cm e largura de 20 cm. Nas edificações em taipa-de-mão, os esteios formam, com os baldrames e os frechais, a estrutura da construção. Ibidem.
[3] Os caixilhos são parte das folhas de esquadrias onde são fixados os vidros, almofadas ou painéis, sustentando-os e guarnecendo-os. O termo é mais utilizado quando referido às esquadrias cujos caixilhos sustêm vidros. Em geral, são feitos de madeira ou metal. O conjunto dos caixilhos das esquadrias de um pano de parede, uma fachada ou um prédio é chamado caixilharia. Ibidem.

A face interna destas folhas cegas, bem como também as portas internas, são pintadas em cor lisa e, antigamente, apresentavam os frisos das almofadas dourados.
Sobre o eixo de simetria da fachada principal é feito o acesso nobre à residência, através de escadaria em pedra (f18) que desemboca num pequeno alpendre de ligação com a sala de estar. A escada, cujo lance único abre-se em leque do alpendre para o arranque, está protegida por guarda-corpo de ferro fundido arrematado por corrimão de madeira, que é fixado em montantes e bases também de pedra. O alpendre, coberto por telhado em Três águas que se encaixa na água do corpo principal, mantém o padrão aplicado às fachadas, repetindo os mesmos acabamentos já observados. Seus pilares de quina são de madeira maciça, adoçados superiormente por vergas em círculo quase pleno. Os peitoris dos guarda-corpos cegos deste alpendre apresentam revestimento em pedra (f19) e seu forro exibe caixilhos reentrantes em madeira, tipo saia-e-camisa[4], trabalho que confere um resultado elaborado e elegante à entrada principal do edifício (f20).
As fachadas, principal e lateral direita, são contornadas por um passeio em lajes de pedra, limitado por canaleta de escoamento de águas, hoje parcialmente coberta com grama (f21), executado em peças de pedra aparelhada, cortadas respeitando o ajuste aos desníveis do terreno (f22).

18

19

20

21

22

[4] Forro composto por tábuas de largura uniforme, colocadas alternadamente sobrepostas. Forma um tabuado com ressaltos e rebaixos, emoldurado por tábuas junto às paredes. (...). Ibidem.

À esquerda da sede existe um portão de acesso a um jardim, localizado na parte posterior da construção. Essa passagem é feita, hoje, através de um portão novo de madeira, que apresenta cobertura com estrutura e acabamento no mesmo material, protegido por pequeno telhado colonial de duas águas que, apesar de pequeno, denota cuidado em sua execução (f23). Este jardim é uma espécie de pomar privado tendo como limites o edifício da sede (f24), uma murada de pedra com um pórtico de acesso e uma escada de pedra (f25), além de partes remanescentes de antigo guarda-corpo (f26), cujos montantes, segundo informa a proprietária, recebiam fechamentos de pau-a-pique, arrematados por uma pequena cobertura.
A face recuada da fachada principal, à sua esquerda, era, originalmente, um volume destacado do corpo da sede, onde se localizavam a cozinha e o quarto de preparo de roupas (f27). Tal separação é percebida não só pela reentrância existente na fachada, como também pela tipologia das esquadrias e cobertura – o encontro entre os telhados dessa antiga parte de serviço e a sede denota a intervenção posterior à construção inicial (f28).

23

24

25

27

26

28

Conta a proprietária que, pelo corredor formado entre ambas as construções, passava uma corrente forte de ar, o que teria motivado o fechamento deste espaço, possibilitando a criação de uma nova cozinha.
Ao lado dessa antiga edificação de serviço, onde hoje está locada a garagem, existem cobertura e pequeno depósito (f29), executados com material e técnica tradicionais – telhas antigas e vedações em pau-a-pique –, além da estrutura de cobertura em madeiras roliças, muito comum nas construções do período do café. É provável que esse telhamento se estendesse por sobre o antigo volume de serviço, tendo em vista a complementação em tijolos furados observada sobre o mesmo, objetivando o aumento de altura (f30).
Na fachada posterior da sede, na parte voltada para um pátio interno onde hoje há um jardim, as esquadrias não são mais de caixilharia de vidro, permanecendo apenas as de folhas cegas, estas com almofadas mais simples do que nas esquadrias principais. A exceção é feita para a área da atual cozinha, cujas janelas originais foram substituídas, permanecendo intacta apenas a porta de acesso à rouparia; também o acabamento dos telhados já não apresenta mais o apuro da fachada principal. Contornando esta ala da construção existe uma varanda coberta, que dá acesso à entrada de serviço da sede e também à garagem e à área de serviço.
Nessa área de serviço, ao fundo da sede, há cobertura em telhas coloniais antigas, mantendo fogão e forno a lenha (f31), ambos originais da fazenda e destinados à utilização pelos escravos. Embora essa área abrigue um espaço único, a percepção de alguns detalhes aponta para uma subdivisão anterior – o que é confirmado pela proprietária –, pois, mais ou menos na metade da sua extensão, uma das tesouras da estrutura de telhado encontra-se vedada por pau-a-pique (f32); o alinhamento desse fechamento, rebatido para o piso, coincide com a diferença entre o piso de pedra e o cimentado grosso, originalmente em terra batida (f33).

29

30

31

32

33

Essa diferença de revestimento remete a dois ambientes distintos que existiam no local: a área com piso de pedra era, na verdade, a cozinha da sede e a área ao lado dela, com piso de terra batida – onde existem o forno e o fogão a lenha –, era a cozinha dos escravos, concorrendo para isto a existência de um contorno em mureta baixa de pedra.
Internamente, os revestimentos indicam requinte na escolha dos acabamentos: papéis de parede e pinturas parietais (f34), tabuado mais estreito, rodapés altos com pintura marmorizada e forros em madeira com acabamentos em frisos e sancas, tanto nas áreas sociais quanto nos ambientes privativos.
O volume que acolhe a capela é o mesmo que abriga o antigo teatro (f35) e a antiga enfermaria dos escravos (f36), cada qual com entrada independente. Porém, dos três programas, apenas a área destinada à capela ainda encontra-se em utilização.
O teatro foi desativado com o advento da televisão e seu espaço foi construído a partir de uma área aberta sob o espaço da capela e enfermaria dos escravos onde, a princípio, só haviam grandes colunas de sustentação. Num segundo e último momento, prestou-se a exibir vídeos educativos para a comunidade da fazenda e adjacências, providenciados pelo médico Eugênio Ruótolo Netto, esposo já falecido da atual proprietária.
A fachada principal da capela está voltada para a fachada principal da sede. Apresenta frontão triangular, cujo tímpano é decorado em motivos florais em estuque, possuindo óculo circular guarnecido por caixilharia (f37). A porta de entrada, único acesso ao interior do espaço, apresenta vão com verga em arco pleno, bandeira de madeira e vidro e folhas almofadadas. As demais esquadrias apresentam fechamento duplo (f38) – internamente, em folhas ensilhadas[8] de abrir, externamente em guilhotinas de caixilharia. No interior da Capela (f39), a área da nave apresenta forro de madeira tipo gamela, decorado com requadros formados a partir de frisos também em madeira. Os bens móveis integrados ali existentes são: a pia batismal em mármore de carrara (f40), o arcaz de madeira (sacristia) e o conjunto de altar e retábulo em talha (f41) – este último exibe alguns elementos gráficos decorativos observados no alpendre da sede.
Ao nível da estrada que dá acesso à fazenda, são identificadas, além da antiga tulha, pequena edificação em pau-a-pique (f42) – e as ruínas do antigo engenho (f43).

34

35

36

37

38

39

40

42

41

43

Embora mantida com muito zelo pela proprietária, a fazenda exibe uma série de patologias, fruto do desgaste pelotempo e da dificuldade de recuperação de uma edificação fruto de técnicas construtivas já não mais utilizadas, bem como da reposição de seus materiais constitutivos. Além dessas questões, se interpõem as agressões naturais – intempéries e insetos –, que dificultam a manutenção do conjunto.
A proprietária informa que, nos idos de 1905, em época em que ainda vivia seu pai, houve uma grande e prolongada temporada de chuvas na região, que teria sido a responsável pelo deslocamento de terras e matacões de rocha adjacentes, cuja movimentação criara uma grande pressão nos embasamentos das construções – como foi o caso das senzalas, posteriormente demolidas –, e a adernação de paredes de vedações – caso das empenas laterais da capela. Felizmente, no caso dessa última construção, houve uma estabilização das paredes, sendo possível ainda ver o desalinho das mesmas (f44) além de algumas trincas em seus topos (f45). Ainda na capela é possível identificar a marca de grande cupinzeiro (f46), já retirado, mal que acomete a maior parte das edificações dessa fazenda. A umidade, aliada ao clima quente, torna-se convidativa para esse tipo de inseto, de difícil controle.

44

45

46

47

[5] Formadas por tábuas grossas verticais unidas por encaixe macho e fêmea, consolidadas por travessas ou tabeiras com seção em forma de cunha totalmente embutidas no tabuado vertical. Ibidem.,

Na sede, o acesso ao alpendre apresenta alguns pontos de ruptura do guarda-corpo direito com a base de pedra (f47). Há também sinais de movimentação dos blocos que ladeiam essa escada, a julgar pelas folgas que existem em alguns pontos (f48). Em ambos os lados do alpendre, o passeio exibe caimento para junto da escadaria, fato que pode contribuir com a desestabilização do embasamento, pelo acúmulo crescente de água. Na fachada principal é possível ver pontos de descolamento da pintura (f49), além de sinais de umidade e movimentação nas cimalhas de arremate do telhado (f50), provavelmente frutos de infiltrações a partir de telhas quebradas e/ou desencaixadas. Internamente, foi observado que essa mesma umidade, que ataca as paredes externamente, também agride os revestimentos internos, especificamente os papéis de paredes. Foi identificada também trinca importante em parede interna que apresenta pintura parietal.
No espaço do antigo teatro e enfermaria, o estado de arruinamento se acelera, colocando em risco as construções. Afora as paredes externas, grandes peças estruturais de madeira (f51), paredes em pau-a-pique (f52) e pisos (f53) sucumbem à umidade proveniente de deficiência na cobertura de telhas.

48

49

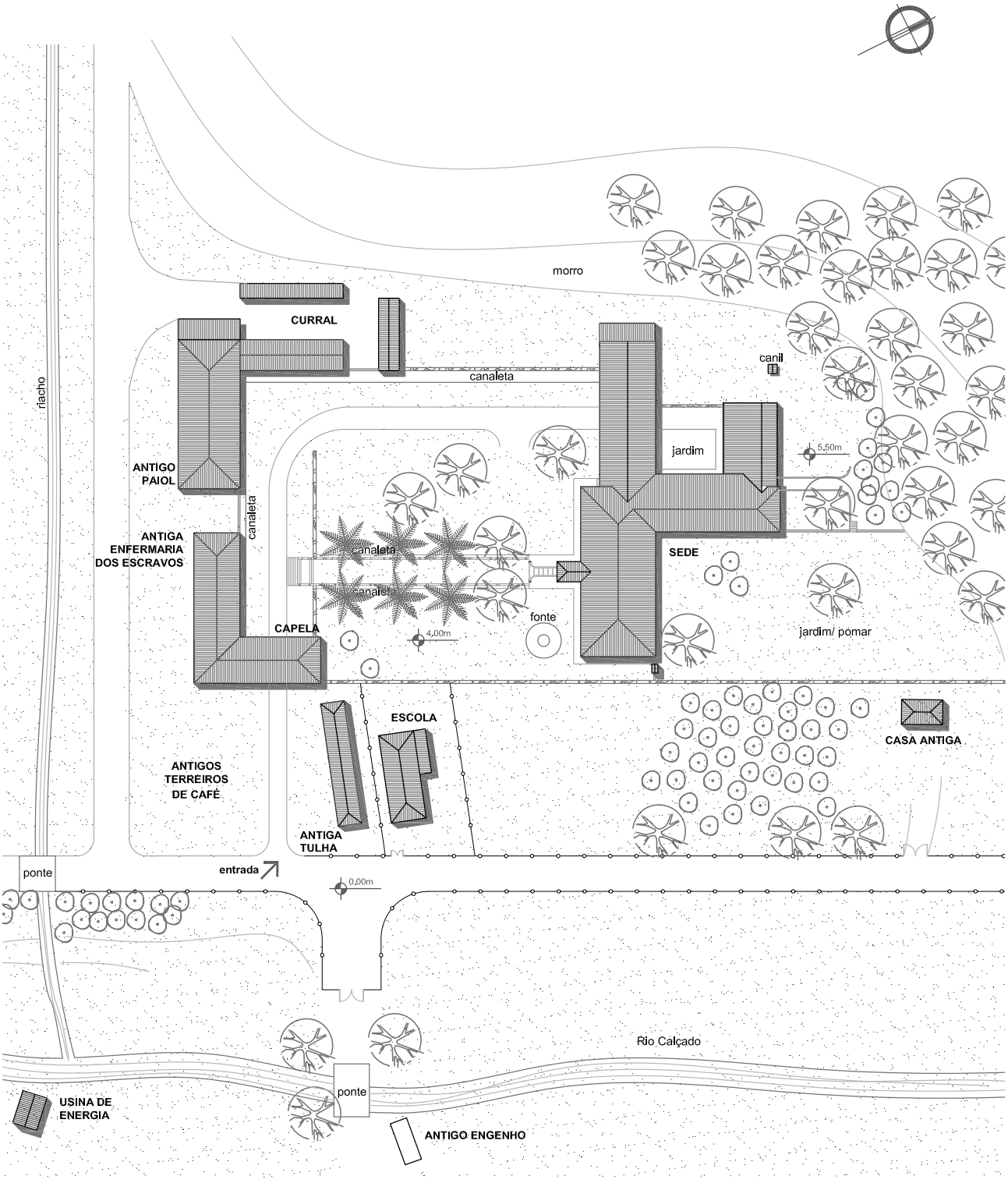
50

51

52

53

FAZENDA BELÉM



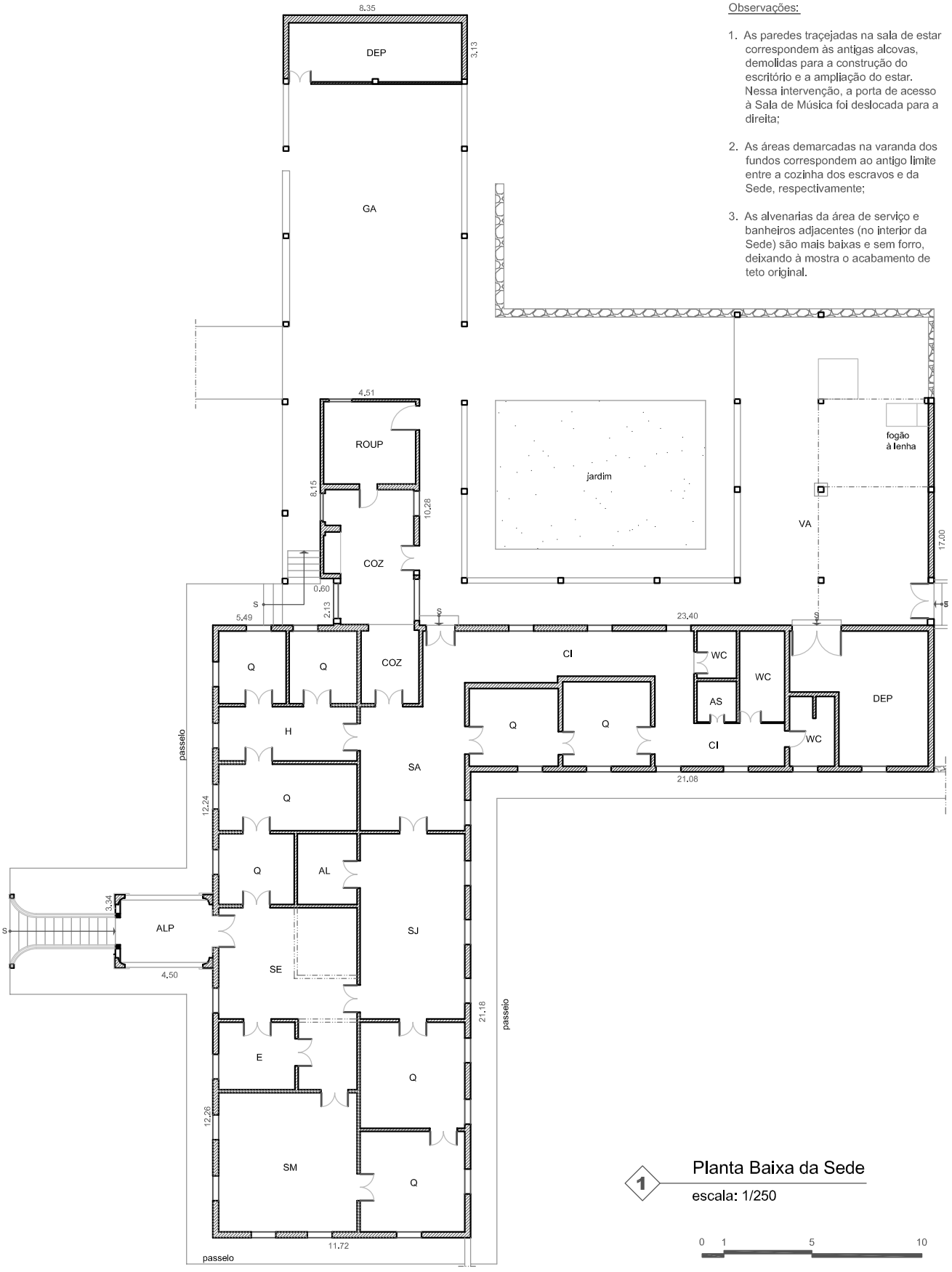
1 Croqui Implantação

escala: 1/1000

0 5 10 40

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AV - F02 - SJVRP		1/4
equipe: Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira	desenhista:	Maciel Torres Priscila Oliveira	revisão: Francyla Bousquet	data: dez 2008

FAZENDA BELÉM



Observações:

1. As paredes traçejadas na sala de estar correspondem às antigas alcovas, demolidas para a construção do escritório e a ampliação do estar. Nessa intervenção, a porta de acesso à Sala de Música foi deslocada para a direita;
2. As áreas demarcadas na varanda dos fundos correspondem ao antigo limite entre a cozinha dos escravos e da Sede, respectivamente;
3. As alvenarias da área de serviço e banheiros adjacentes (no interior da Sede) são mais baixas e sem forro, deixando à mostra o acabamento de teto original.

1 Planta Baixa da Sede
escala: 1/250

0 1 5 10

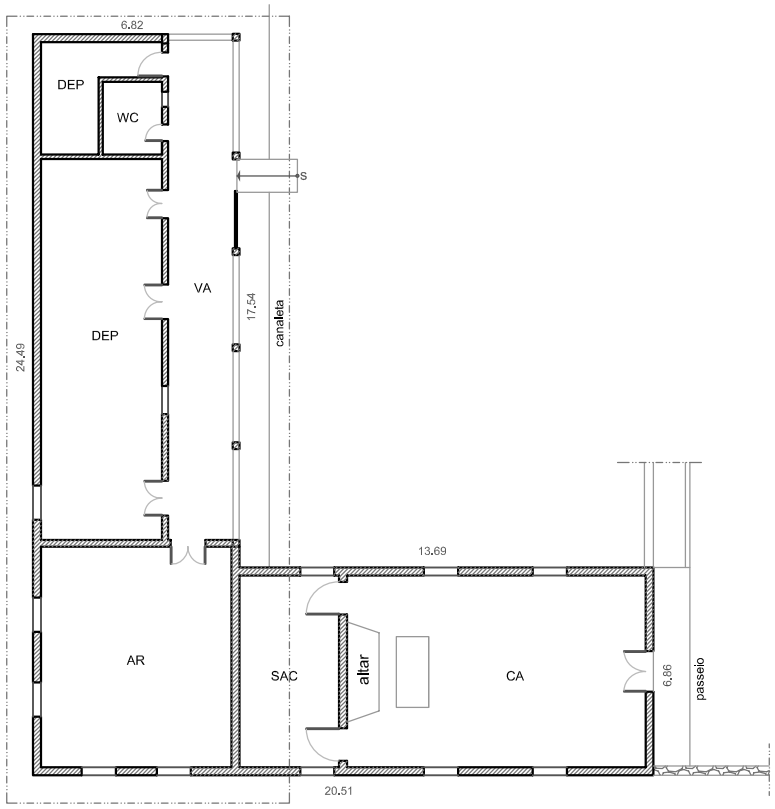
AL - alcova AS - área de serviço COZ - cozinha E - escritório H - hall ROUP - rouparia SM - sala de música WC - banheiro alvenaria existente
ALP - alpendre CI - circulação DEP - depósito VA - varanda Q - quarto SA - sala de almoço SJ - sala de jantar alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AV - F02 - SJVRP		2/4
equipe: Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira	desenhista: Maciel Torres Priscila Oliveira	revisão: Francyla Bousquet	data: dez 2008	

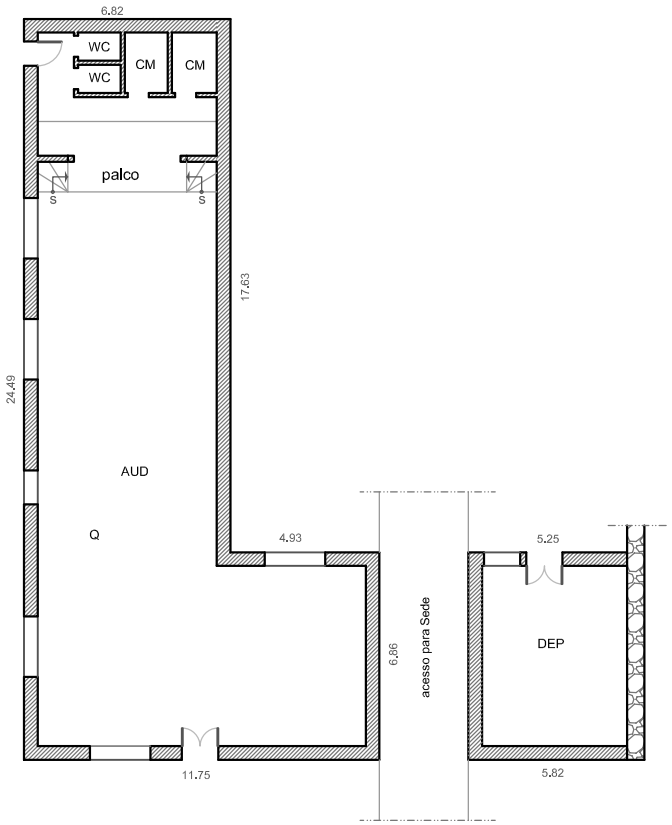
FAZENDA BELÉM

Observações:

1. A área em destaque corresponde à antiga enfermaria de escravos.



2 Planta Baixa Capela/Enfermaria
escala: 1/250



1 Planta Baixa Auditório/Depósito
escala: 1/250

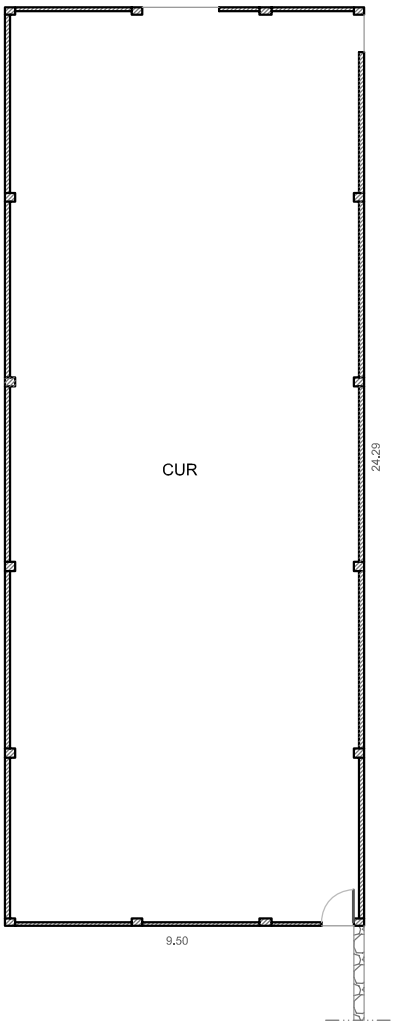
0 1 5 10

AR - aréa em ruína
AU - auditório
CA - capela
CM - camarim
COZ - cozinha
DEP - depósito
SAC - sacristia
VA - varanda
WC - banheiro
alvenaria existente
alvenaria demolida

FAZENDA BELÉM

Observações:

1. A atual estrebaria corresponde ao antigo paiol de estocagem da colheita.



1 Planta Baixa do Curral

escala: 1/200

0 1 5 10

CUR - curral

alvenaria existente

alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense	AV - F02 - SJVRP	4/4

equipe:	desenhista:	revisão:	data:
Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira	Maciel Torres Priscila Oliveira	Francyla Bousquet	jan 2009

A Fazenda Belém foi implantada em terras da sesmaria concedida ao Dr. Lucas Antônio Monteiro de Barros (Visconde de Congonhas do Campo), requerida por Cantagalo em 1914. Esta quadra – com dimensões de meia légua de testada por meia légua de fundos – confrontava-se ao norte com as terras do bacharel Francisco Nunes Pereira, ao sul com as de Domingos Lopes de Carvalho, a oeste com as de Germano Luiz Lisboa e a leste com as de sua mulher, Maria Teresa Joaquina Savan Monteiro de Barros.

O comendador João de Souza Werneck adquiriu essa sesmaria em 1825, quando a ela já estavam anexadas as sesmarias de Maria Tereza Joaquina e Hilária Savan Monteiro de Barros, cada qual apresentando as mesmas dimensões da área original. O comendador pagou por essas terras o valor de doze contos e quatrocentos mil réis.

Católico atuante, o comendador, enquanto provedor da Irmandade de São José, apresentou o projeto das primeiras divisões de terras dessa igreja, dando impulso ao povoamento da Vila de São José. Possuidor de grande espírito público, ele teve seu nome ligado a todos os empreendimentos de vulto em São José e foi responsável pela construção de várias outras fazendas.

A história da Fazenda Belém confunde-se com a época dos primeiros desbravadores dos sertões do rio Preto, no século XIX. A sede da fazenda foi construída em 1850 por João de Souza Werneck para seu filho, Paulino de Souza Werneck, que era então casado com D. Joana Carolina Franco Werneck. Lá foram acolhidos parentes e amigos dos Souza Werneck, além de políticos, para tratar de assuntos de importância na administração da Província e realizar conselhos de família.

Paulino Werneck foi médico, idealizador do Serviço Municipal de Pronto-Socorro em carros de tração animal no Rio de Janeiro. Em sua homenagem, o governo criou o Hospital Paulino Werneck, localizado na Ilha do Governador. A partir de seu falecimento, a fazenda passou às mãos de seu filho, João Werneck, nascido na Fazenda Belém em 1855. Após sua morte, assumiu a administração da fazenda sua única filha, a Sra. Ana Maria Werneck Ruótolo. Trata-se da única fazenda de São José do Vale do Rio Preto cuja propriedade não foi transferida para terceiros: há 167 anos essas terras pertencem à família Werneck.

Propriedade de grande porte, migrou da produção cafeeira e de gado para a avicultura, a partir do declínio do ciclo do café. As novas atividades econômicas foram paulatinamente se instalando no local, recebendo novo impulso em 1998, quando se iniciou o projeto de reciclagem do lixo agroindustrial e urbano: os resíduos de abatedouros avícolas que inicialmente iam para o lixão da cidade passaram a ser destinados à Fazenda Belém onde, em área apropriada, eram transformados através do processo de compostagem em adubo orgânico, o qual vem sendo utilizado pelos agricultores em suas lavouras, agora orgânicas.

Juntamente com as fazendas de Águas Claras e Bela Esperança, foi uma das primeiras fazendas locais a receber linha telefônica, que permitia a comunicação entre as citadas estâncias.

Fontes:

CUSATIS, José de. *Biblioteca de Estudos Fluminenses: História de São José do Vale do Rio Preto.* Niterói, Imprensa Oficial, 1990. 110p.

Dados para a confecção do histórico da fazenda baseados em pesquisa realizada por Jany de O. Limongi, http://sjvrpnopassado.blogspot.com, www.encontroagroecologia.org.br – Encontro Nacional de Agroecologia – 2002.